

O romancista que descobriu as mulheres

FRANCIS LEARY

Gênio da literatura francesa, Honoré de Balzac era incomparável na observação e descrição da natureza humana, mas a vida conjugal constituía o centro dos seus interesses de escritor

NA NOITE de 28 de maio de 1850, uma carruagem parou à porta de uma mansão na Rue du Faubourg Saint-Honoré, em Paris. O mais famoso romancista da época, Honoré de Balzac, estava levando para casa sua aristocrática noiva polonesa, Evelina Hanska. Balzac vinha sonhando com aquele momento há 16 longos anos e planejara cada detalhe, desde as flores nas jarras de cristal até a presença do criado François na entrada, acenando boas-vindas com a chama de um candelabro de prata. Em vez disso, os recém-casados depararam com uma cena de desolação digna do gênio criador de Balzac: Salas inteiras tinham sido arrasadas por uma onda de destruição e, entre os retalhos de veludo e cacos de cristal, ajoelhava-se o criado, em delírio.



*Caricatura de Balzac, por Nadar.
Coleção Lecompte-Boinet*

Estranha ironia! A obsessão de Balzac pelo casamento o fizera dar milhares de instruções minuciosas a sua mãe, de 72 anos, que as transmitia à sua maneira a François, levando-o à beira de um colapso nervoso. Então, para impedir qualquer possível atrito, Balzac pedira à mãe que se retirasse na noite de núpcias. Vendo-se repentinamente liberto da mão firme da patroa, o atormentado criado acabara por enlouquecer e havia destruído tudo. Como tantos personagens de seus livros, Balzac fora traído por uma emoção obsessiva.

Na realidade, a vida do romancista foi tão dramática e cheia de acidentes como as tramas de seus romances. Sua mãe, Laure Sallambier, filha de um comerciante parisiense, casou-se aos 19 anos com Bernard-François Balzac, oficial do exército, 32 anos mais velho que ela. A ambiciosa Laure, porém, queria dinheiro, *status* social e aventura; a família vinha em segundo lugar. Quando Honoré nasceu, em 1799, foi entregue a uma babá durante os primeiros quatro anos. Mais tarde, interno em um colégio, Laure o visitou apenas duas vezes num período de seis anos. «Nunca tive mãe», Balzac diria depois.

O menino criou seu próprio universo, lendo com sofreguidão os livros da biblioteca da escola. Era uma época de sonhos heróicos: os exércitos de Napoleão sacudiam a Europa, e o imperador era uma inspiração. «O que ele não conseguiu pela espada», inscreveu Balzac

numa estatueta de Napoleão, «eu conseguirei pela pena.» Estava decidido a se tornar escritor – o maior escritor do mundo.

Incapaz de partilhar a confiança de seu filho num futuro literário, a Sra. Balzac fez tudo para que ele seguisse a carreira de advogado. Afastando-se cada vez mais da mãe e confiando apenas na irmã Laure, Honoré passou a ter uma visão impiedosa da vida familiar – que ele aplicaria em seus melhores romances. Dos anos que passou como estagiário num escritório de advogado, herdou uma rara facilidade para retratar advogados e descrever os segredos da profissão. No entanto, trabalhar como advogado era uma possibilidade que simplesmente o apavorava e, certo dia, em 1819, abandonou o escritório. Como não podia demovê-lo da idéia de escrever, a Sra. Balzac, ansiosa pelo seu sucesso, propôs-se sustentá-lo durante dois anos.

Os romances históricos estavam na moda, e Balzac decidiu escrever uma tragédia em verso, em cinco atos, sobre Cromwell. Um professor do Collège de France leu o manuscrito e deu o seguinte veredicto: «Este rapaz deveria ser encorajado a fazer qualquer coisa, exceto literatura.» Sem se deixar abater, Honoré voltou-se para os romances e chegou até a ganhar dinheiro com uma série de histórias de terror que publicou com pseudônimo.

Então, começou também à procura da mulher ideal – busca que lhe tomaria a vida inteira. Baixinho,

pernas grossas e curtas, cabeça quase desproporcional, encimada por uma autêntica juba preta, e com várias falhas nos dentes da frente, ele realmente não parecia muito sedutor. No entanto, as damas se deixavam conquistar pela sua eloquência e pelo seu humor constante, pelos olhos castanhos que pareciam faiscar e por uma tática infalível com as mulheres: um interesse absorvente pelos problemas delas. Sonhando com uma mulher que seria, ao mesmo tempo, amante e mãe, concentrou seu poder de conquista sobre Laure de Berny, aristocrata sensível, 25 anos mais velha do que ele. Até sua morte, ela foi sempre a orientadora espiritual de Balzac, dispensando-lhe devoção e confiança em seu ilimitado talento. Mais tarde, Balzac armou um cerco em torno de outra Laure, quase tão velha quanto a anterior: a experiente Duquesa de Abrantes, viúva do marechal Junot, veterano das batalhas de Napoleão.

Como fazia em todas as suas experiências, Balzac trabalhava como um ourives no seu conhecimento sobre mulheres. Seu primeiro *best-seller* foi *Fisiologia do Casamento*, no qual desmistificava a idéia de que a vida emocional de uma mulher acabava no casamento. Balzac achava que, pelo contrário, a mulher estava apenas começando, desde que ela soubesse posicionar suas tropas no verdadeiro campo de batalha que é o casamento. Embora seu famoso *Cenas da Vida Conjugal* pregasse a fidelidade absoluta, em *A Mulher de*

Trinta Anos ele criaria a mulher libertada, que se vingava da traição do marido buscando o consolo de outros homens. Balzac foi o primeiro romancista a tratar as mulheres e seus problemas conjugais de forma psicologicamente convincente. Em sua homenagem, criou-se até o termo «balzaquiana», que durante muito tempo significou a mulher de 30 anos. Sua correspondência era volumosa (quase todos os seus romances começam com uma carta de uma admiradora).

Embora fosse um agudo observador e analista da natureza humana, Balzac era absolutamente incompetente nas coisas da vida prática. Gastava dinheiro em proporções napoleônicas e, freqüentemente endividado, estava sempre pedindo dinheiro emprestado a todos. Sem um centavo (exceto, naturalmente, os dez francos que arrancara naquela manhã à sua cozinheira), costumava aparecer nos mais sofisticados salões, vestindo sobrecasaca verde de botões dourados, colete coral de alamares, calça amarela, bengala grossa com uma turquesa incrustada no castão e um monóculo de aros de ouro, enquanto distribuía animação e elogios à sua própria obra. Sendo uma contrafação de si próprio, Balzac nem ligava para as caricaturas que o pintavam como uma figura ridícula. Era a personificação do grande romancista.

Para fugir aos credores que não se cansavam de bater-lhe à porta, morava em lugares diferentes, com

nomes fictícios. Num desses quartos fechados, da meia-noite às oito da manhã, bebendo café sem parar e vestindo um hábito branco de monge, de corrente dourada à cintura, Balzac deixava a sua inspiração desaguar livremente, «mergulhando a alma em crisol como um alquimista fundindo o seu ouro». Em apenas dois anos (1830-1831), nada menos que 70 romances, contos, ensaios e artigos saíram de sua pena. Seu primeiro romance mais longo foi *A Pele de Onagro*. Os leitores simplesmente não conseguiam largar o livro, enquanto Balzac dissecava a sociedade, desnudando as intrigas, as decepções e a corrupção em todas as classes.

Em fevereiro de 1832, o romancista recebeu uma misteriosa carta da Ucrânia, assinada *l'Etrangère* (a Desconhecida); na missiva, presenciou a mulher dos seus sonhos, e imaginou-a uma princesa. Quem mais poderia pagar o porte de uma carta que vinha de uma região tão longínqua? Outras cartas anônimas se seguiram. A autora foi identificada como a Condessa Evelina Hanska, esposa de um riquíssimo nobre russo-polonês. *L'Etrangère* manteve com o escritor um romance epistolar por quase dois anos. Finalmente, marcaram o encontro decisivo em Genebra, onde Evelina, polonesa belíssima, acabou por cativar Balzac. A presença de seu velho e adoentado marido não parecia obstáculo, e Evelina deu a entender a Balzac que, assim que enviuvasse, o desposaria.

De novo em Paris, Balzac continuou a escrever declarações a Evelina. Uma carta que começava dizendo «Oh! meu anjo, meu amor, minha vida, minha felicidade, meu tesouro...» caiu por engano nas mãos do marido. Seguiu-se um acesso de indignação, e Balzac teve de explicar ao furioso marido que a Sra. Hanska simplesmente lhe dissera que gostaria de saber como era uma verdadeira carta de amor, e que, por isso, ele, especialista em assuntos do coração, lhe enviara aquela apenas como amostra!

Inspirado por sua paixão pela polonesa, Balzac produziu algumas de suas melhores obras. Madame de Berny estava morrendo, e ele lhe prestou o último e comovente tributo, tomando-a como o modelo da heroína principal da sua obra *O Lírio no Vale*. Este pungente romance contrastava com o superchocante *A Garota dos Olhos de Ouro*, em que um irmão e uma irmã se apaixonam por uma encantadora jovem de olhos dourados, apunhalada pela irmã ciumenta. A seguir, em *O Pai Goriot*, criou um poderoso drama sobre o tema da ingratidão filial, no qual o velho Goriot era arruinado pelas filhas insaciáveis.

Balzac reconhecia suas contradições. «Em meu metro e sessenta de altura, acalento todas as inconseqüências possíveis», confessou ele. «Aqueles que me consideram fútil, extravagante, obstinado, tagarela e sem escrúpulos têm tanta razão como os que me acham econômico, modesto, corajoso, reservado e

gentil.» Isto, segundo ele, fazia parte do temperamento do escritor, e lhe permitia descrever todas as facetas do sentimento humano.

Em 1840, Balzac mudou-se para o andar de cobertura de uma pequena casa em Passy, com vista para o Sena, e este foi o último lar do romancista.*

Ali, em janeiro de 1842, recebeu um envelope tarjado contendo a comunicação da morte do Sr. Hanska. Apressou-se a escrever à viúva, assegurando-lhe sua alegria em saber que, «daqui por diante, seu coração pertencerá somente a mim». Infelizmente, a bela polonesa já não estava disposta a casar. Ciumenta e dominadora, Evelina finalmente enxergara através da fantasia com que Balzac tentava esconder as suas intenções, o que não conseguiu desanimar o escritor, que inundou com uma torrente de cartas sua gélida bem-amada na Ucrânia.

Nesse ínterim, sua candidatura à Académie Française recebeu apenas quatro votos, embora Balzac estivesse fazendo mais pela literatura do que toda aquela instituição. Durante muito tempo, foi o primeiro e o único a proclamar o gênio de Stendhal. Lutou vigorosamente para pôr fim às edições-piratas (ele foi um dos maiores prejudicados), e preparou terreno para o futuro reconhecimento legal dos direitos autorais do escritor. Sua maior con-

tribuição, porém, foi *A Comédia Humana*, financiada por três editores franceses que se associaram para a publicar. Amadurecido havia muito, o projeto se propunha explorar cada faceta da sociedade, em 80 volumes e com mais de dois mil personagens. Se o poeta italiano Dante ganhara reconhecimento imortal com *A Divina Comédia*, Balzac faria o mesmo com *A Comédia Humana*.

Como se anunciou em abril de 1842, a obra compreenderia seis grandes seções: *Cenas da Vida Conjugal*, ...da *Vida Provinciana*, ...da *Vida Parisiense*, ...da *Vida Política*, ...da *Vida Militar* (a era napoleônica) e ...da *Vida Rural*. Muitos romances já anteriormente publicados seriam incluídos nos três primeiros títulos. A técnica de Balzac, de fazer com que os personagens se desenvolvessem e reaparecessem em livros sucessivos, e de que suas vidas se interligassem em todos os níveis da sociedade, encontrava agora uma aplicação prática.

André Maurois diria da *Comédia Humana*: «Ela contém tudo sobre a vida, dissecando-a, examinando-a e pintando-a em profundidade, como os componentes separados de um grande organismo.»

«Aprendi mais com Balzac do que com todos os historiadores, economistas e estatísticos profissionais juntos», escreveu Friedrich Engels.

Os repetidos apelos de Balzac finalmente venceram a resistência de Evelina e a fizeram pronunciar a pá-

* A casa da Rue Raynouard, 47, é a única das suas oito residências que ainda existem, e hoje é visitada como museu de Balzac.

lavra mágica: «Venha!» Quando contemplou a propriedade de Evelina em Wierzchownia (com 40 mil servos e 300 criados), até o próprio Balzac a considerou grandiosa. Às portas da felicidade, porém, a saúde de Balzac fraquejou. Cinco mil noites de furioso trabalho, movidas a 50 mil xícaras de café forte, acabaram com sua outrora esplêndida vitalidade. Não obstante, conseguiu levar Evelina ao altar. Durante a cansativa viagem de volta a Paris, Balzac, corroído pela doença, insistia em se debruçar pela janela da caruagem e gritar para o cocheiro: «Depressa! Depressa!» Após os horrores da chegada, a mãe do escritor voltou a viver com ele. Balzac

tinha apenas mais algumas semanas de vida, e a mãe, que o abandonara na infância, estava à sua cabeceira quando ele morreu, a 18 de agosto de 1850. Sua mulher, a quem ele adorava, dormia tranquilamente no andar de cima.

No enterro de Balzac, no cemitério de Père-Lachaise, Victor Hugo expressou uma opinião que tem resistido ao tempo: «Todos os seus livros reunidos compõem, na realidade, um único livro – vivo, lúcido, profundo, no qual toda a nossa civilização contemporânea pode ser vista em movimento. Por isso, ele brilhará durante muitos anos entre as estrelas mais cintilantes do céu de nosso país.»



QUANDO um amigo meu, que é guarda numa prisão, me mostrou um lindo pergaminho com excelentes gravuras feitas por um dos presos, fiquei impressionado pelo fato de um homem tão habilidoso estar na prisão. «Mas este homem com toda certeza poderia ter ganho uma fortuna fora da prisão!», exclamei.

«E ganhou», explicou meu amigo, «fazendo notas de banco K. S.

SE VOCÊ examinar cuidadosamente um horário dos trens na África do Sul, verá que todos eles (mesmo o majestoso Trem Azul) param em Wellington. Isso acontece há perto de um século, desde que o primeiro trem que chegou a essa cidade foi festivamente recebido com uma salva de tiros. O dono dos terrenos por onde passava a estrada-de-ferro era um sagaz fazendeiro chamado P. J. Malan. Para ter certeza de que a população de Wellington poderia sempre tomar os trens para qualquer destino, ele doou parte de seus terrenos, sob a condição de que todos os trens teriam de parar sempre em Wellington. Ao longo dos anos, reis e rainhas, princesas e presidentes têm passeado por toda a encantadora plataforma de Wellington, graças ao fazendeiro Malan.

— L. G. G.